

# KUARUP



# KUARUP

## **Índios aproveitam Kuarup para pedir preservação das nascentes do Xingu**

Spensy Pimentel - Enviado especial - Alto Xingu – O Kuarup, homenagem tradicional aos mortos ilustres do Xingu, foi também palco este ano de articulações políticas em prol da preservação ambiental. A cerimônia que se encerrou ontem (26) aconteceu este ano na aldeia kuikuro de Ipatse. Um dos líderes kalapalo, Kurikaré, aproveitou a presença no evento do coordenador de Políticas Indígenas de Mato Grosso, José Seixas da Silva, para pedir que o governo do estado desautorize a construção das barragens Paranatinga I e II, no rio Culuene, cerca de 100 km ao sul do parque.

Segundo o antropólogo Carlos Fausto, do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, os Kalapalo dizem ser possível demonstrar por vestígios arqueológicos que a área era ocupada por seus ancestrais e relacionam esse território às origens históricas do próprio Kuarup. Kurikaré considera a área "sagrada". O governo do estado alega que o projeto é particular e que não pode se envolver na questão. As obras estão atualmente paradas por ordem da Justiça Federal.

Fausto lembra que o problema de as nascentes não estarem dentro dos limites do parque remonta à sua demarcação, no início da década de 60. Ele conta que o projeto original, defendido pelos irmãos Villas Boas, por Darcy Ribeiro e pelo marechal Cândido Rondon junto a Getúlio Vargas, previa uma área quatro vezes maior para o parque. Por causa da redução, várias áreas que podem ser cientificamente comprovadas como indígenas e que ficam na região das nascentes, explica, ficaram de fora dos limites do parque. "Metade das terras kalapalo está fora, por exemplo", diz ele.

# KUARUP

Segundo a antropóloga e sanitarista Cibele Verani, pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz e uma das convidadas para o Kuarup, a devastação na região já se constitui num "enorme problema de saúde" no parque." Vinte anos atrás, nós tínhamos água limpa para beber em qualquer uma dessas aldeias. Hoje, a maioria das pessoas já não pode beber água de alguns rios. E, de lá pra cá, nós temos visto a poluição descer, inclusive fazendo escassear a pesca", conta ela.

O Parque Indígena do Xingu conta atualmente com cerca de 2,6 milhões de hectares e tem hoje quase 5 mil habitantes. Junto com a área Kayapó, com que faz divisa ao norte, constitui-se, segundo a Fundação Nacional do Índio, na maior área contínua de preservação da sociobiodiversidade brasileira, num total de quase 15 milhões de hectares.

O problema é que, ao sul, ficam fora do parque as nascentes dos rios formadores do Xingu, o principal da região, e considerado o maior "rio indígena" do Brasil, pela grande quantidade dessas comunidades às suas margens. Em volta das nascentes de rios como Culuene, Tanguro, Arraias, Ronuro, Batovi e Curisevo, têm se alastrado nos últimos anos as lavouras extensivas de soja e algodão.

Em algumas fazendas, como é visível de avião, as plantações não respeitam as matas ciliares, e as marcas de erosão se multiplicam. O resultado já perceptível pelos índios é o assoreamento. "Hoje, dá pra atravessar a pé o rio. Antigamente, era fundo", conta Fadiuvi, líder dos índios kalapalo. Ele conta também que as comunidades se incomodam com a presença crescente do turismo de pesca nos rios da região. O lixo deixado nas praias pelos turistas desce para dentro do parque na época das chuvas, e aparece na barriga dos peixes e tartarugas que servem de alimentação para os xinguanos – tradicionalmente, todos os povos do Alto Xingu evitam a carne de caça.

# KUARUP

O que os índios temem, mas ainda não dispõem de estudos para comprovar, é a possível contaminação das águas por agrotóxicos. Segundo Carlos Fausto, o perigo é real, principalmente por causa desse hábito xingano de comer peixe. "Nós sabemos que os efeitos da acumulação de alguns componentes, como os metais pesados, na carne do peixe, só são sentidos a longo prazo", alerta ele.

## **Kuarup este ano se realizou próximo a sítios arqueológicos**

Spensy Pimentel - Enviado especial - Alto Xingu – O Kuarup, homenagem tradicional aos mortos ilustres do Xingu, foi realizado este ano próximo a sítios arqueológicos cuja descoberta rendeu em 2003 um artigo em uma das principais revistas científicas do mundo, a americana Science. A aldeia de Ipatse, dos Kuikuro, que hoje tem pouco menos de 500 habitantes, fica próxima do local onde uma equipe liderada pelo americano Michael Heckenberger, da Universidade da Flórida, mapeou, nos últimos anos, vestígios da presença de uma população superior a 50 mil pessoas – hoje, em todo o parque o número de habitantes é de cerca de 5 mil.

Dois dos principais chefes de Ipatse, Afukaká Kuikuro e Urissapá Tabata Kuikuro, assinaram junto com a equipe do arqueólogo o artigo publicado na Science. "A gente fez questão de assinar junto. Nós escolhemos os dois chefes como forma de apontar para uma colaboração muito mais ampla da comunidade na pesquisa", explica o antropólogo Carlos Fausto, do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ele foi um dos integrantes da equipe que fez as descobertas.

Os vestígios descobertos indicam a existência no Alto Xingu, entre os séculos XIV e XVI, de aldeias estruturalmente similares às atuais, mas fortificadas com paliçadas e fossos, com até 500

# KUARUP

mil m<sup>2</sup> de área e até 5 mil habitantes. Foram 19 aldeias descobertas com a ajuda dos Kuikuro, que consideram os vestígios como sendo de seus ancestrais, conforme conhecimento que lhes foi transmitido oralmente. As aldeias eram ligadas por caminhos de cerca de 5 quilômetros de extensão e até 50 metros de largura.

A ocupação humana na região do Xingu tem cerca de 1.000 anos, segundo esses estudos. O presidente da Fundação Nacional do Índio, Mércio Pereira Gomes, que também é antropólogo, lembra que a região sofreu grande redução populacional após a chegada dos colonizadores europeus. "Só agora estamos chegando ao mesmo nível de população que havia por aqui no fim do século XIX", diz ele.

Mércio estima que os atuais níveis de fecundidade, com crescimento populacional de cerca de 4% ao ano, levam a população a dobrar a cada 12 anos. Ele diz que a instalação de poços artesianos na aldeia, com fornecimento de água tratada, foi um dos principais fatores responsáveis pela queda da mortalidade infantil, que, calcula, chegava a 200 por mil nascidos vivos algumas décadas atrás.

Para saber mais sobre as pesquisas arqueológicas no Xingu, veja o livro "Os povos do Alto Xingu-história e cultura", coletânea organizada por Bruna Franchetto e Michael Heckenberger.

## **Seringueira é estudada como alternativa de renda para índios do Xingu**

Spensy Pimentel - Enviado especial - Alto Xingu - A prefeitura de Gaúcha do Norte (MT), um dos municípios vizinhos ao Parque Indígena do Xingu, está propondo aos índios da região o plantio de seringueiras como forma de geração de renda para as comunidades, com a venda do látex. O projeto já conta com

# KUARUP

apoio de lideranças, segundo o vereador Tamaluí Mehinaku, e foi apresentado ao presidente da Fundação Nacional do Índio, Mércio Pereira Gomes, durante o Kuarup que terminou sexta-feira na aldeia Ipatse, dos Kuikuro.

Para Mércio, a princípio, a idéia pode ser uma boa alternativa. "Os índios estão dispostos. É muito melhor que pensar num projeto agrícola com soja ou milho", diz ele. O presidente da Funai lembra que seria preciso investir na capacitação dos índios. Ele conta que, anos atrás, os Xavante foram beneficiados por projeto semelhante, com 16 mil mudas da árvore e acabaram inadvertidamente incendiando na plantação, porque utilizam o fogo como forma de espantar animais na direção dos caçadores.

O prefeito de Gaúcha do Norte, Edson Harold Wegner, também esteve presente ao Kuarup. Ele conta que agricultores do município estão adotando a cultura como alternativa ao cultivo de grãos e já produzem atualmente 150 toneladas por mês de látex, faturando R\$ 350 mil. Em um alqueire (4,8 hectares, ou 48.400 m<sup>2</sup>) de terra, segundo Wegner, é possível cultivar 1000 seringueiras, o que rende, segundo ele, R\$ 1.300 a R\$ 1.800 por mês, com uma a duas horas de trabalho por dia. "Nós fornecemos as mudas e damos assistência com carência de sete anos para o pagamento pelo serviço, porque a seringueira demora seis anos para começar a produzir", explica ele.

Wegner, que é paranaense de Marechal Cândido Rondon e diz morar em Gaúcha há 4 anos, conta que a seringueira tem aparecido como alternativa na região por causa da queda nos preços dos produtos de monocultura extensiva, como a soja, e da rigidez que a fiscalização ambiental adquiriu de um ano para cá. Outra vantagem da seringueira, segundo ele, é que uma área onde se planta a árvore é considerada reserva legal, pelos critérios da legislação ambiental.

# KUARUP

## **Índios do Xingu elegem vereador e vencem campeonato de futebol em cidade vizinha ao parque**

Spensy Pimentel - Enviado especial - Alto Xingu – Melhorias nas estradas da região do Parque Indígena do Xingu e a relação crescente dos índios com as cidades do entorno levaram público local recorde ao Kuarup que aconteceu esta semana na aldeia Ipatse, dos Kuikuro. A relação dos povos do Alto Xingu com esses municípios chegou a tal ponto que, no ano passado, os índios da região elegeram um vereador e foram campeões de futebol no campeonato municipal de Gaúcha do Norte (cerca de 50 km ao sul do parque, com 11 mil habitantes).

De Gaúcha, vieram cerca de 30 pessoas para o Kuarup, inclusive o prefeito da cidade, Edson Harold Wegner. A pedido de lideranças do Alto Xingu, a prefeitura da cidade cedeu máquinas recentemente para a recuperação das estradas dentro do parque. A benfeitoria foi intermediada por Tamaluí, índio Mehinaku que foi o vereador mais votado do município nas eleições do ano passado, com 183 votos, segundo ele. Eram tantos votos dos índios que até um outro vereador, branco, elegeu-se com o apoio de Tamaluí.

O vereador também é um dos organizadores do time de futebol dos Mehinaku, que, no ano passado, foi campeão na cidade, disputando a final contra um time dos brancos, o Juventude – este ano, dois times indígenas, o dos Mehinaku e o dos Kuikuro, chegaram às semifinais.

O discurso do vereador é conciliador. No futebol e na política. "Fui eleito para ver o lado do povo. Os caciques pedem e a gente corre atrás dos recursos lá fora", diz ele. "A gente entra no campo para jogar, para fazer gol, não para reclamar do juiz, para falar mal do bandeirinha ou do outro time."

# KUARUP

Tamaluí explica que a reforma nas estradas ajuda as comunidades principalmente em caso de atendimentos de saúde. Ele diz que apenas as ligações entre as comunidades estão recebendo melhoria, para não facilitar a entrada de brancos no parque. Mas a prefeitura também reformou a estrada que liga a sede do município até a divisa com o Xingu, o que possibilitou, por exemplo, o público recorde de Gaúcha do Norte no Kuarup desta semana.

Tamaluí conta que, recentemente, conseguiu aprovar na Câmara Municipal uma medida em favor da preservação das matas ciliares dos formadores do rio Xingu. Ele acredita que é possível conseguir a colaboração dos agricultores do município na preservação e conta que a queda do preço da soja no mercado ajudou nesse sentido, porque está forçando os habitantes da região a pensarem em alternativas de renda. "Pra evitar o desmatamento, nós vamos trazer turista aqui pra Gaúcha. O rio está secando. Antes de acabar o rio, a gente tem que falar, não pode ficar quieto", diz.

Na quinta-feira à tarde, os visitantes de Gaúcha, com rosto pintado pelos anfitriões, faziam um churrasco, ao lado da aldeia kuikuro, enquanto esperavam o início da fase final do Kuarup. Ao lado dos turistas, Tamaluí, que diz ter se tornado vereador apenas pela vontade das lideranças, fala sobre as idéias que tem tentado levar aos brancos da cidade: "O rio não é só de uma pessoa. Não tem dono, é de todo mundo. Eu digo para eles: vamos cuidar do que é nosso. Vocês falam que o rio é do índio, mas é de todos nós."

## **Indígenas têm de convencer cacique a impedir entrada de madeireiros no Xingu**

Spensy Pimentel - Enviado especial - Alto Xingu – As lideranças indígenas que garantem a convivência pacífica dos quase 5 mil índios de 14 etnias habitantes da região do Alto Xingu, em Mato

# KUARUP

Grosso, enfrentam atualmente o desafio de levar a consciência ambiental aos próprios índios. Representantes de uma única comunidade Trumái, na região de Terra Nova, a oeste do parque, têm autorizado a entrada de madeireiros nas terras indígenas. Os demais líderes agora têm de convencer o cacique Ararapam a voltar atrás. "Trumái é outra cabeça. Não sei se é por causa de mais recurso que está vendendo madeira. Eu acho muito errado. Mas outras aldeias aqui não fazem isso não", diz Atamai, chefe dos Waurá, que participou do Kuarup na aldeia Ipatse, dos Kuikuro, encerrado nesta sexta (26).

Atamai é cunhado de Ararapam. Ele diz que ainda não teve oportunidade de conversar com os Trumái a respeito, mas se diz preocupado. "A gente vive aqui nesse mato, nós temos que controlar nosso mato. Se acabar tudo, como é que a gente vai viver, fica muito quente o sol, a gente não respira mais direito. E onde vai criar o animal? Todo animal se alimenta de fruta do mato", argumenta.

Afukaká, líder dos Kuikuro, e anfitrião do Kuarup que aconteceu esta semana, diz que as lideranças das 14 etnias que habitam o Alto Xingu já mandaram uma carta pedindo a retirada dos madeireiros à ministra do Meio Ambiente, Marina Silva. Ele diz que os Trumái fizeram tudo por conta própria. "Foi sem consultar liderança. Nunca consultaram isso", afirma ele.

A Funai informa que já fechou uma serraria na região de Terra Nova e lembra que tem tentado oferecer alternativas de desenvolvimento sustentável na região, como o comércio de mel e artesanato. Segundo a assessoria de imprensa da fundação, também já foi solicitado que a fiscalização do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) atue na região.

Os Trumái são, numericamente, o menor grupo do Alto Xingu. Somam menos de 100 indivíduos, segundo a Funai, e vivem

# KUARUP

numa região de transição, entre o chamado sistema xinguano e os povos do Médio e Baixo Xingu, que historicamente eram considerados "índios bravos" pelos do Alto, devido às diferenças culturais. A relação entre os líderes do Alto Xingu é baseada em laços de cooperação e amizade, não havendo subordinação obrigatória de uma aldeia a uma decisão coletiva, como explica o antropólogo Carlos Fausto, do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

## **Presidente da Funai prevê chegar a 100 terras indígenas homologadas até fim de 2006**

Spensy Pimentel - Enviado especial - Alto Xingu - O governo deve chegar a um total de 100 terras indígenas homologadas no atual mandato presidencial até o fim de 2006, estima o presidente da Fundação Nacional do Índio, Mércio Pereira Gomes. "Até agora, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva já homologou 54 terras. Até o fim do ano, mais dez homologações devem ser assinadas", diz ele, que participou entre a última quinta-feira (25) e ontem (26) da cerimônia do Kuarup realizada na aldeia Ipatse, dos Kuikuro, no sul do Parque Indígena do Xingu, em Mato Grosso.

Mércio diz que, para que se complete totalmente o processo de reconhecimento das terras indígenas no Brasil, ainda faltam ao todo cerca de 160 territórios (100 em processo de demarcação e 60 ainda em fase de identificação). Ao final, o presidente da Funai estima que 12,5% do território nacional serão oficialmente considerados terra indígena. "Nenhum país do mundo tem isso. Nenhum país na América Latina tem 95 anos de uma tradição indigenista republicana como nós. Mesmo o México, que tem 12 milhões de índios, só reconhece 5% de seu território como indígena", afirma. Segundo Gomes, o Brasil tem hoje 440 mil índios, divididos entre 220 povos que falam 170 diferentes línguas.

# KUARUP

O presidente da Funai avalia que essa quantidade de terras "não é pouca nem muita, o que há é um desequilíbrio". Ele lembra que 95% das terras indígenas homologadas, em termos de área, estão na Amazônia e diz que só deve ser demarcada mais uma terra com grande extensão, a de Trombetas-Mapuera, no Amazonas, com 3,97 milhões de hectares. Por outro lado, lembra que deve ser homologada em breve uma terra indígena que vive conflito de posse há quase 70 anos, a de Caramuru-Paraguassu, em Ilhéus (BA), para os Pataxó. Mércio Gomes conta que a terra foi demarcada na década de 30 e que a Polícia Militar da Bahia usou a Intentona Comunista de 1935 como desculpa para atacar o chefe do posto do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) que tinha sido responsável pela demarcação.

## **No Alto Xingu, sertanista morto é homenageado no Kuarup entre kuikuros e kalapalos**

Spensy Pimentel - Enviado especial - Alto Xingu – O sertanista Apoená Meireles, assassinado no ano passado em Rondônia, foi um dos homenageados no Kuarup que terminou hoje (26) na aldeia Ipatse, dos Kuikuro, no Parque Indígena do Xingu. O Kuarup é uma celebração fúnebre de mortos ilustres do Xingu e, desde que os índios começaram a ter contato mais intenso com os brancos, passou a incluir também a homenagem a brancos que tiveram alguma relação com a causa indígena.

A cerimônia, que se dá sempre nesta época do ano, pode acontecer em qualquer uma das aldeias das 14 etnias que habitam a região meridional do parque, o chamado Alto Xingu. Para isso, é preciso que haja um morto ilustre (chefe ou parente de um chefe) a ser homenageado. Este ano, já tinha acontecido um Kuarup na aldeia Waurá, quinze dias atrás.

No Kuarup que terminou hoje, os homenageados principais dos Kuikuro foram Nahu e Sesuaká, pais de Jakalo, um dos principais líderes kuikuro, além de um morto kalapalo; povo que

# KUARUP

é o principal aliado dos Kuikuro. Ao todo, foram quatro troncos decorados em homenagem aos mortos. Segundo o antropólogo Carlos Fausto, do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Nahu era um dos três únicos xinguanos que falava português na época da implantação do Parque Indígena do Xingu, nos anos 60. "Por isso ele se tornou intermediário importante e ganhou prestígio, apesar de não pertencer a uma família tradicional de chefes", explica ele. Há cinco anos, Fausto auxilia os Kuikuro em um projeto de preservação da sua memória tradicional.

"O Kuarup é a festividade mais conhecida dos povos indígenas do Brasil", afirmou o presidente da Fundação Nacional do Índio, Mércio Pereira Gomes, que acompanhou o Kuarup na aldeia Kuikuro entre ontem e hoje. "Apoena foi desde os 17, 18 anos uma pessoa dedicada aos índios. O pai, Francisco Meireles, também foi, e conheceu os índios daqui nos anos 40. Então, é como se fosse uma linhagem de indigenistas, e esse reconhecimento é emocionante para nós." Gomes lembrou que foi ele próprio quem tinha convidado Apoena a voltar para o trabalho na Funai, já que o sertanista estava aposentado.

No ano passado, Apoena, que, na década de 60, ainda adolescente, aos 17 anos, tinha ajudado a contatar os Cinta-Larga, índios tupi de Rondônia, foi auxiliar a Funai na mediação do caso em que cerca de 29 garimpeiros foram mortos pelos índios na área indígena Roosevelt. A área vive conflito pela posse de uma jazida de diamantes. Desde o fim de 2003, ele era coordenador regional da Funai em Rondônia. Apoena foi assassinado por um adolescente quando saía de um caixa eletrônico em Porto Velho.

O filho de Apoena, Francisco Meireles, também acompanhou o Kuarup. Lembrou que o adolescente que confessou o assassinato de seu pai está foragido. "Eu fico muito triste que os brancos se esqueçam tão rapidamente de um fato tão que teve

# KUARUP

um peso tão grande para o indigenismo brasileiro", disse ele. Francisco falou que o jovem responsável pelo crime "teve todo um apoio para escapar, por ser filho de um ex-policial militar".

Entre os brancos que já foram homenageados no Kuarup em anos anteriores estão os irmãos Villas Boas, Leonardo, Orlando e Cláudio, e o jornalista Roberto Marinho.

## **Entenda como acontece um Kuarup**

Spensy Pimentel - Enviado especial -Alto Xingu – Na última quinta-feira (25), durante todo o dia, os Kuikuro, junto com seus aliados Kalapalo, prepararam a recepção para os convidados das demais aldeias do Xingu, com beiju, mingau de farinha de mandioca e peixe moqueado (assado e defumado sobre uma grelha). Esse processo envolve centenas de pessoas. A mandioca é fornecida pelo familiar mais importante do principal morto homenageado – no Kuarup que terminou ontem, era Jakalo, um dos chefes kuikuro, filho de Nahu e Sesuaká, que morreram recentemente.

Enquanto isso, os xamãs e familiares dos mortos homenageados trouxeram do mato os troncos cortados da árvore de uma determinada espécie (é chamada de kuarup pelos Kamayurá, um dos 14 povos do Alto Xingu). Segundo a mitologia xinguana, foi dessa árvore que o criador dos homens "fez as mulheres e as enviou para se casarem com o jaguar (onça)", como explica texto na página do Instituto Sócio-Ambiental na internet.

Os troncos foram fincados abaixo de uma pequena cobertura de taquara, ao lado da casa dos homens (ela guarda as flautas rituais, que não podem ser vistas pelas mulheres e fica no centro do pátio da aldeia). Depois, foram pintados e enfeitados como um xinguano. Há uma decoração para os homens e outra para as mulheres, dependendo do morto que representam.

# KUARUP

Enquanto acontece a preparação da festa, homens portando as flautas duplas conhecidas como atanga, segundo o antropólogo Carlos Fausto, iam de maloca em maloca na aldeia em companhia das adolescentes que saem da reclusão ritual no final da festa. A reclusão das moças acontece na época em que elas têm a primeira menstruação e marca a passagem entre a infância e a vida adulta – ao final do ritual, elas estão prontas para casar-se.

Depois que os troncos foram preparados, no início da noite, os familiares dos mortos sentaram-se ao redor deles e começaram a chorar por eles, o que durou toda a madrugada. Enquanto isso, uma dupla de xamãs permanecia rezando e tocando seus maracás. As comunidades convidadas para o Kuarup acamparam na mata próxima à aldeia. À noite, um grupo por vez, os homens convidados iam chegando à aldeia fazendo barulho e cantando para pegar tições de pequenas fogueiras rituais produzidas pelos anfitriões no pátio central da aldeia, ao lado dos troncos.

Ontem (26) pela manhã, uma ou duas horas depois que o sol raiou, as comunidades convidadas começaram a chegar ao pátio da aldeia. Muitos vieram de caminhão ou em bicicletas, que deixavam ao lado das bolsas em torno da região central do pátio de Ipatse. Logo depois, começou a disputa do huka-huka, competição tradicional entre os xinguanos. O nome, segundo o texto do ISA, é de origem kamayurá e "lembra os gritos dos lutadores ao se defrontarem imitando o rugido da onça".

Para a luta, os homens se untam com óleo de copaíba, pasta de urucum e pequi. Eles também se submetem previamente a arranhões feitos nos braços com o dente de um peixe chamado "cachorrinha" e dizem tomar eméticos e se untar com ervas que aumentam sua força. As lutas aconteceram entre representantes das diversas aldeias presentes ao Kuarup hoje, como Aweti, Kamayurá, Waurá e Mehinaku.

# KUARUP

Após as lutas, as moças que estavam em reclusão na aldeia foram apresentadas aos visitantes. Uma delas chegou a se casar, no início da tarde. Acompanhada do tio do noivo, ela seguiu até a casa dele, para pegar sua rede e levá-la até a casa da família dela, onde ele passa a morar.

A página do ISA na Internet traz interpretação do Kuarup feita pelo antropólogo Eduardo Viveiros de Castro: "Em geral, o que se faz nesses rituais interaldeias é algo que está descrito em um mito, mas que não é apenas uma simples repetição ou encenação sua. O que o rito celebra, de fato, é a impossibilidade de uma repetição idêntica: 'agora só vai ter festa', disse o demiurgo(espécie de herói criador) ao fracassar na tentativa de ressuscitar os primeiros seres humanos que morreram, inaugurando assim a mortalidade (...). A fabricação primordial dos humanos, de acordo com a mitologia alto-xinguana, foi obra de um demiurgo que deu vida a toras de madeira dispostas em um gabinete de reclusão, ao soprar-lhes fumaça de tabaco. Assim foram criadas as primeiras mulheres, entre elas a mãe dos gêmeos Sol e Lua, arquétipos e autores da humanidade atual. Em homenagem a essa mulher foi celebrada a primeira festa dos mortos, que é a mais importante do Alto Xingu e que consiste, portanto, em uma reencenação da criação primordial, sendo também o momento privilegiado de apresentação pública dos jovens recém-saídos da reclusão pubertária. Assim, é um ritual que enreda a morte e a vida; as moças que saem da reclusão são como as primeiras humanas, mães dos homens".

## **Sebastião Salgado defende mobilização nacional pela ampliação do Parque do Xingu**

Spensy Pimentel - Enviado especial - Alto Xingu – O fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado foi presença ilustre no Kuarup que aconteceu esta semana na aldeia Ipatse, dos Kuikuro, no Alto Xingu. Mundialmente conhecido por imagens que divulgam lutas

# KUARUP

sociais e denunciam mazelas nos países em desenvolvimento, Salgado defende a criação de um movimento nacional em defesa do parque. Ele considera o Xingu uma referência cultural para o Brasil e a humanidade. "Eu espero que haja uma ação nacional contra essa corrida ao lucro, essa ganância do mundo da soja. É preciso tomar cuidado para não destruir essa referência nacional", diz.

O fotógrafo conta que está no Xingu colhendo imagens para seu novo projeto, intitulado Gênesis. "Estou procurando referências do início da humanidade, culturas que representem o início do gênero humano como um todo. Com muito prazer, é o que acabei de encontrar aqui no alto Xingu", disse ele, em entrevista exclusiva à Agência Brasil.

O Gênesis foi lançado em 2003, tem duração prevista de oito anos e conta com apoio da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). No Alto Xingu há 40 dias, Salgado documenta não só o Kuarup, mas vários outros rituais dos xinguanos. Antes, o fotógrafo conta que esteve nas ilhas Galápagos, no oceano Pacífico, e também na Antártida. Do Xingu, irá para a Namíbia, na África, onde fotografará povos do deserto, como os Bushmen. Depois, passará pela Etiópia e o Sudão.

Economista, Salgado iniciou a carreira na Organização Internacional do Café, nos anos 70, na Europa. A partir desse trabalho, visitou países africanos e asiáticos em missões ligadas ao Banco Mundial e, ali, passou a fotografar o mundo em desenvolvimento. Hoje, é embaixador especial da Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância) e membro honorário da Academia de Artes dos Estados Unidos. Leia a seguir os principais trechos da entrevista.

Agência Brasil - Qual é a importância do Xingu para o Brasil?

# KUARUP

Sebastião Salgado - O Xingu, principalmente para as pessoas da minha geração, que estão hoje no comando do país, em função da idade, foi muito importante. Quando éramos jovens, os primeiros contatos feitos aqui, na época do Getúlio Vargas, as primeiras apresentações do Kuarup, tudo isso teve um simbolismo muito grande.

Aos poucos, isso aqui passou a ser uma referência nacional da tradição indígena, e hoje é essencial a preservação desses rituais e das culturas aqui do Alto Xingu. Tudo isso está muito ameaçado. A fronteira do parque hoje termina dentro de uma quantidade imensa de fazendas de soja. Hoje, as fontes do rio Culuene, que na realidade é a base do rio Xingu, estão ameaçadas pela construção de barragens. Uma barragem já começou e houve uma liminar, graças à ação dos indígenas aqui do Alto Xingu. A construção foi paralisada temporariamente.

Eu espero que haja uma ação nacional contra essa corrida ao lucro, essa ganância do mundo da soja. É preciso tomar cuidado para não destruir essa referência nacional. Há muito risco. É uma cultura aquática, eles não comem outra carne senão a do peixe, então eles dependem das águas dos rios, e tudo isso está realmente ameaçado.

A minha proposta seria a de se começar uma luta nacional para transformar toda essa região, incluindo todas as fontes do rio Xingu, em parte da extensão do parque. O governo poderia fazer uma indenização dessas fazendas de soja e replantar as matas na região.

ABr - Como o mundo enxerga hoje o Xingu?

Salgado - A história das tribos do Xingu é muito anterior à história do Brasil moderno. Existem escavações aqui na região em que se encontraram aldeias antiqüíssimas, com populações imensas, com uma verdadeira cultura. Isso deveria ser

# KUARUP

divulgado no Brasil, para a gente ter a honra de ter as nossas origens a partir um pouco dessa região. É uma região importante e poderosa dentro da cultura brasileira. Não pode só haver lucro e ganância, a cultura tem que ser preservada.

A Br - Qual o sr. pensa que deveria ser a atitude da população amazônica em relação a esse tipo de ameaça?

Salgado - A população realmente amazônica tem que ficar atenta à destruição da região. A região amazônica é forte, é potente, em função das águas, pela floresta que tem, pelas reservas indígenas. Essa penetração na região para a retirada da madeira, para o lucro rápido, não serve à população real da Amazônia, serve apenas às empresas que estão à cata do lucro. A ganância não serve à população real da região.

A verdadeira população da Amazônia tinha que lutar pela preservação, porque essas é que são suas riquezas reais. Se essas riquezas se forem, isso aqui passará a ser uma região devastada e pobre. Temos a maior reserva de água doce do planeta, a maior reserva de floresta tropical: essa possivelmente deve ser a maior riqueza do Brasil hoje.

## **Além de celebração, Kuarup é um acontecimento político**

Spensy Pimentel - Enviado especial - Alto Xingu – Além de homenagear os mortos ilustres do Xingu, o Kuarup também tem tradicionalmente o papel político de aproximar comunidades. Com o crescente contato com os brancos, a cerimônia agora também se torna espaço para contato com autoridades brasileiras.

Entre os convidados do Kuarup que terminou hoje na aldeia Ipatse, dos Kuikuro, estiveram o presidente da Fundação Nacional do Índio, Mércio Pereira Gomes, e o prefeito Edson Harold Wegner, de Gaúcha do Norte (MT) – um dos municípios

# KUARUP

vizinhos ao Parque Indígena do Xingu (a 70 quilômetros de Ipatse). O ministro Gilberto Gil, da Cultura, e o governador do Mato Grosso, Blairo Maggi, também haviam sido convidados para o evento.

"Kuarup é um evento ritual e político. E isso hoje inclui também relações políticas com a sociedade nacional", explica o antropólogo Carlos Fausto, do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ele trabalha há cinco anos com os Kuikuro num projeto de preservação da memória ritual tradicional.

Fausto diz que as cidades vizinhas ao Xingu têm uma dívida com os índios. "Algumas delas vivem em grande parte com os recursos que os índios levam até lá, e eles esperam um retorno na forma de educação, saúde e, fundamentalmente, com a preservação das nascentes do rio Xingu, que estão sendo destruídas", diz ele.

O antropólogo conta que a preservação das matas nas margens dos afluentes do Xingu, que estão todos fora do parque, é hoje uma das principais preocupações dos índios. Nos últimos anos, a expansão da soja nos municípios vizinhos, às vezes à custa das matas ciliares, tem favorecido o assoreamento dos rios. As mudanças nas águas, que estão se tornando mais turvas e arrastam lixo para dentro do parque, também fazem os índios desconfiar de poluição, principalmente por agrotóxicos.

Fausto lembra que a presença das autoridades das cidades vizinhas nas festas do Xingu não dá garantia para solução desses problemas. "Todas as relações têm dois lados. Não precisamos ser pessimistas, mas também não podemos ser ingênuos sobre todas as dificuldades que nós mesmos temos com os nossos políticos, que nem sempre nos representam bem", diz. "Bobagem achar que há oposição entre a preservação das terras indígenas e as atividades econômicas

# KUARUP

dos brancos. É apenas preciso haver alguma regulação pelo Estado, senão, não só o Xingu, mas a Amazônia toda vai ficar inabitável, não só para eles como também para nós."

O Parque Indígena do Xingu foi criado em 1961 e tem hoje 2.642.003 hectares. A parte sul do parque é conhecida como Alto Xingu e é habitada por 14 diferentes etnias, com línguas distintas, mas traços culturais comuns e um sistema ritual, simbólico e econômico que se mantém pelo menos desde o século XIX.

A conformação das aldeias, a alimentação, as cerimônias e festas (como o Kuarup e mais de uma dezena de outras) e a mitologia são alguns traços que constituem a identidade dos xinguanos. Na construção dessa "convivência pacífica", como explica Fausto, o Kuarup sempre teve papel importante. "É um momento de criação e consolidação da paz xinguanana."

Fonte: Agência Brasil ([www.radiobras.gov.br](http://www.radiobras.gov.br))